

MORTE E O ALVORECER

Pearl S. Buck

Não existe lugar para ele ficar, doutor - disse a enfermeira.

- As enfermarias estão lotadas.

- Coloque-o num quarto particular - disse o cirurgião, tirando seu avental branco.

- Os quartos particulares também estão lotados, a não ser aquele com dois leitos, onde se encontra o velho Sr. MacLeod. E ele está tomando oxigênio, sem esperanças de atravessar esta noite. Sua família espera sua morte a qualquer momento.

- Este rapaz não vai perturbá-lo. Só vai acordar amanhã cedo - disse o cirurgião, agora trajando paletó e chapéu. Era meia-noite.

Ele estava cansado e bateu à porta ao sair.

Se é que ele vai acordar, pensou a enfermeira, olhando para o rapaz. Ele era do tipo descuidado, cabelos loiros compridos demais, rosto afilado, corpo esguio, muito magro - o tipo do rapaz que está sempre correndo o risco de ser esmagado em acidentes de carro.

Debaixo das numerosas ataduras brancas, o rosto jovem tinha uma expressão sombria. Ninguém sabia quem ele era. Não havia nenhum documento que informasse sua identidade. O carro era roubado - pelo menos o proprietário ainda não havia sido identificado e, por certo, não era aquele rapaz de 18 anos - que podiam ser 17, talvez 16 -, ninguém sabia ao certo. Ele estava inconsciente quando chegou e sangrando muito. Por sorte, a cidade tinha um hospital - nem todas as cidades pequenas tinham um hospital.

- Levem-no para o 23 - disse a enfermeira aos atendentes.

Eles o levaram na maca, e ela os acompanhou. Aquela hora da noite, o hospital estava mergulhado em silêncio. Não se ouvia nem mesmo o choro de um bebê. Dentro de uma ou duas horas, antes do alvorecer, começariam as chamadas, campainhas tocando, pacientes suspirando e gemendo, um bebê acordando o outro.

O 23 também estava silencioso. Só se ouvia o ruído do oxigênio.

Sob a luz fraca do quarto, a enfermeira viu o Sr. MacLeod deitado ali.

Ela daria uma olhada nele antes de sair.

- Tomem cuidado com a cabeça do rapaz - ela disse aos atendentes.

- Já sabemos - disse o mais velho. - Vimos quando ele chegou.

- Não restou nada do carro - disse o outro.

Eles o deitaram na cama com mãos habilidosas e endireitaram seus braços e pernas.

- Mais alguma coisa, Srta. Martin? - perguntou o mais velho.

- Não, obrigada - ela respondeu.

Eles se afastaram, e ela cobriu o rapaz com um lençol de algodão.

Ele estava respirando, mas não muito bem. Ela mediu a pulsação.

Estava irregular, conforme era de esperar. Nada de sedativos, dissera o médico, depois da última injeção.

O telefone tocou no corredor, e ela foi atender. Uma só enfermeira à noite naquele andar era muito pouco, mas sempre foi assim. Não havia enfermeiras em número suficiente. O Sr. MacLeod deveria ter uma enfermeira só para ele. E, agora, aquele rapaz...

- Alô - ela disse em voz baixa.

- Srta. Martin? - A voz era clara, tranquila e cuidadosa, e ela a reconheceu.

- Sim, Sra. MacLeod.

- Não estou conseguindo dormir. Nenhum de nós está. Será que você poderia verificar se...

- Claro.

Ela pousou o fone na mesa e foi até o quarto. A respiração do rapaz havia melhorado um pouco, mas ela não olhou para ele. O Sr.

MacLeod estava completamente imóvel. Ela ficou em dúvida. Será que aquele homem tão idoso estaria respirando? Ela pegou o pulso dele e não conseguiu encontrá-lo. Correu de volta ao telefone.

- Sra. MacLeod?

-Sim.

- É melhor a senhora vir.

- Já estou de saída.

A enfermeira ligou para o médico de plantão.

- Doutor, chamei a família do Sr. MacLeod.

- Ah!... é o fim, não?

- Acho que sim.

- Estou indo até aí. Apronte a seringa hipodérmica.

- Pois não, doutor.

Ela arrumou a pequena bandeja, colocando as agulhas sobre um pano branco esterilizado. Nada daquilo seria útil, a não ser para fazer o senhor idoso ter tempo de dizer adeus à família. Mas essa era a regra, e somente um médico poderia quebrá-la. Ela levou a bandeja até o quarto e colocou-a na mesinha, sem fazer barulho. O senhor idoso continuava na mesma posição. O rapaz também. Mas, agora, o rapaz respirava melhor.

A enfermeira aumentou um pouco o fluxo do oxigênio. Acendeu o abajur de cabeceira e colocou mais duas cadeiras perto da cama.

No dia anterior, quando a Sra. MacLeod foi informada, na sala do médico, de que seu marido não atravessaria a noite, ela ficou tão branca quanto seus cabelos. Em seguida, disse:

- Eu só peço uma coisa: que vocês me chamem quando o fim estiver próximo. Não vou sair de casa.

E estas foram as instruções do médico para a enfermeira:

- Quando você notar que o fim está perto, chame a Sra. MacLeod.

O médico de plantão chegou. Ele era um jovem baixo e robusto, de rosto redondo e bondoso.

- Está tudo pronto, doutor - disse a Srta. Martin.

- Ótimo. Vou verificar.

O plantonista examinou rapidamente o paciente.

- Ele está bem perto do fim. Assim que eles chegarem, vou aplicar a injeção hipodérmica.

- Aqui está - disse a Srta. Martin.

- Isto não vai fazê-lo durar muito mais - prosseguiu o médico. Meia hora... talvez uma hora. Quem é o outro paciente?

- Acidente de carro.
- Hum... há muitos hoje em dia.
- É verdade.

Era uma conversa banal para despistar o assunto da morte - morte do jovem, morte do velho.

- Posso entrar? - perguntou a Sra. MacLeod, em pé na porta.
- Entre - disse o médico. - Vou aplicar uma injeção em seu marido... para reanimá-lo um pouco, a senhora sabe, para vocês poderem conversar.
- Obrigada, doutor.

Ela estava firme. Era uma senhora idosa, baixa, porém forte, com expressão controlada no rosto. Apenas a Srta. Martin notou que suas mãos pequenas e compactas tremiam quando ela tirou o chapéu.

- Sente-se, Sra. MacLeod.
- Estamos todos aqui - ela disse.
- Entrem, entrem. Não vão prejudicá-lo - disse o médico.

Eles entraram: o filho, um rapaz alto, com expressão de angústia no rosto; sua esposa, uma moça loira e esguia, que chorava, cobrindo a boca com um lenço; e a filha, jovem e bonita, de cabelos escuros como os do pai. A Srta. Martin conhecia todos: George, Ruth e Mary. Era uma família unida; qualquer pessoa podia notar. Os filhos optaram pela cirurgia, que foi um sucesso... isto é, prolongou a vida do pai por três meses, naquele quarto apertado.

- O que houve com aquele rapaz? - perguntou George, fazendo um movimento com a cabeça em direção ao outro leito.

- Ele está inconsciente - respondeu a Srta. Martin. - Não há outro lugar para colocá-lo. O hospital está lotado. Esqueça dele.

Ela estava esfregando álcool no braço esquelético do Sr. MacLeod.

O médico espetou a agulha na pele flácida.

- Vocês têm meia hora para ficar com ele, Sra. MacLeod. Vou aguardar do lado de fora.

- Obrigada, doutor - disse a Sra. MacLeod.

Ela esperou até que o médico e a enfermeira saíssem. Com um olhar, chamou os outros para perto de si. George e Ruth sentaram-se à beira da cama. Mary ajoelhou-se ao lado da mãe.

- Estamos todos aqui, Hal - disse a Sra. MacLeod, com voz clara. - George e Ruth jantaram conosco hoje. Comemos cordeiro ensopado, feito da maneira que você gosta. A horta está em franca produção. Colhi algumas cenouras esta tarde para o ensopado. Estava delicioso!

- Comemos torta de limão como sobremesa, pai - disse George. Ruth está aprendendo a fazer tortas com a mamãe. Eu não a forcei a fazer isso, não é mesmo, querida?

- Claro que não - disse Ruth. Ela não chorava mais, porém os lábios continuavam trêmulos.

- Ruth é uma boa cozinheira - prosseguiu George.

- Melhor do que eu era na idade dela - disse a Sra. MacLeod. Você se lembra da primeira torta que fiz, Hal? Queimou por cima e ficou crua por baixo! Era de cereja... a sua favorita. Eu quase chorei.

Mas você riu e disse que não tinha se casado comigo por eu saber fazer tortas.

- A cerejeira vai voltar a dar muitos frutos este ano, papai - disse Mary. Ela apoiou os cotovelos na cama, com os olhos fixos no rosto do pai.
- Quando as cerejas amadurecerem, George vai cobrir a árvore com uma rede, como você costuma fazer. Os estorninhos já estão aguardando por elas.

George riu, e acrescentou:

- Aqueles estorninhos, papai! Nunca aprendem. Você se lembra da maneira como eles aparecem todos os anos, pousam em cima da rede, e ficam olhando para as cerejas? Você disse que quase podia ouvir as pragas lançadas por eles. Bem, este ano vai acontecer o mesmo de sempre.

Mary falou com voz suave:

- Torta de cereja e piqueniques. Para mim, é quando o verão começa.

- Eu também gosto de piqueniques - disse a Sra. MacLeod. Apesar de minha idade, sinto que existe algo especial num piquenique.

Ficamos noivos durante um piquenique da Escola Dominical... seu pai e eu.

- Pai, você se lembra daquele piquenique no dia 4 de julho, no lago Parson's? - Era George quem falava. - Você me ensinou como lançar o anzol e, logo na primeira vez, pesquei uma perca. Gritei, chamando todo mundo para ver.

- Eu adoro o verão - disse Mary, com a voz sonhadora de sempre.

- Mas também gosto quando o outono chega. Você se lembra da noqueira, papai? Eu também gostava da escola; gostava mesmo. Não me olhe desse jeito, George, só porque você não gostava de estudar!

- Parem, vocês dois - disse a Sra. MacLeod, forçando um sorriso.

- Vocês não conseguem deixar de discutir?

No leito ao lado, as pálpebras do rapaz estavam tremendo, mas ninguém notou. Ele próprio não sabia que suas pálpebras tremiam.

Mergulhado nas profundezas de seu cérebro, ele ouvia som de vozes.

- Passamos bons momentos quando éramos crianças - disse Mary.

- Às vezes, eu gostaria de voltar no tempo, mamãe, para estar com você e papai.

- Silêncio - disse a Sra. MacLeod. - Ele está querendo dizer alguma coisa.

Eles se inclinaram para a frente, com as faces mal iluminadas pela luz fraca, olhos fixos no rosto sombrio do idoso. Seus lábios movimentaram-se, ele suspirou, abriu os olhos e olhou para eles, fitando um de cada vez.

- Querido - disse a Sra. MacLeod -, a casa está muito vazia sem você. Depois de lavarmos a louça do jantar, resolvemos vir até aqui.

Ela parou para ouvir. Ele virou a cabeça em sua direção.

- Martha... - A voz era dele, sussurrada e entre cortada.

- Sim, Hal, estou aqui, estamos todos aqui. Nossos filhos também quiseram vir, só para conversar.

Ela fez um movimento com a cabeça para eles.

- O pequeno Hal e Georgie lhe mandaram um beijo, papai - disse Ruth rapidamente. - Eles estão dormindo. Pedi a Lou Baker que tomasse conta deles. Ela é nossa vizinha, uma boa moça. O pequeno Hal disse que, assim que você voltar para casa, quer que veja o triciclo que você pediu que comprássemos para o aniversário dele.

- Ele já está pensando no Natal - disse George. - Ontem, me perguntou se você poderia comprar uma buzina para o triciclo.

- Eu vibro com o Natal! - Era novamente a voz sonhadora de Mary. - Em cada Natal, eu penso em todos os natais que passaram;

todos os de que posso me lembrar... de nossas meias penduradas na lareira. A sua e a de mamãe ficavam nas pontas, papai, e as minhas e as de George, no meio. E as cantigas de Natal à noite... como era encantadora a música que vinha de fora, enquanto eu estava deitada em minha cama quentinha!

Ela cantou em voz baixa: - Quem é esse estranho infante, de tão nobre geração...

No leito ao lado, os olhos do rapaz estavam entreabertos. Ele virou a cabeça, sem enxergar nada; mas, agora, as vozes eram claras. Ouviu alguém cantando.

- Eu... me... lembro... de... tudo - disse o Sr. MacLeod.

- Dia de Natal - disse a Sra. MacLeod, com os olhos tristes fixos no rosto dele. - Sempre foi uma data feliz. Eu nunca quis ter a companhia de outras pessoas no Natal. Bastava estarmos todos juntos. E agora temos o pequeno Hal e Georgie.

- Mary vai se casar qualquer dia destes - disse George. - E nossa família vai aumentar.

- Mas nada vai mudar - disse Mary. - Papai e mamãe estarão conosco sempre. Somos sua família, papai. Mesmo depois de adultos, nada mudou.

- Espero ser um pai tão bom quanto você - disse George.

Agora, o rapaz conseguia enxergar. Seus olhos estavam abertos.

Ele viu o outro leito. Um homem velho, muito velho, estava deitado ali, e havia pessoas ao redor dele.

- Bons filhos - disse o velho, com voz sonolenta. Ele parecia estar meio adormecido.

- Vocês dois sempre sabiam exatamente o que nós queríamos! - A voz de Mary era terna. - Eu me lembro da boneca que ganhei quando tinha nove anos, e do anel que encontrei na árvore quando tinha 15... meu primeiro anel..., Mas como vocês sabiam que eu queria um anel de esmeralda?

- Era uma pedra bem pequena - disse a mãe.

- E tinha um brilhante pequeno de cada lado. Eu o guardo até hoje e ainda gosto muito dele.

- Eu ganhei esquis quando tinha 12 anos - disse George -, mas não sei como você soube que eu os queria, papai, porque eu nunca lhe contei. Eu receava que fossem muito caros. Foi naquele ano que extraí o apêndice.

- O papai sempre presta atenção, principalmente quando o Natal está perto - disse a Sra. MacLeod.

- Mas como você sabia que, na formatura, eu estava mais interessada em ganhar um relógio à prova de choque do que um diploma?

- Ou que eu queria ir à Califórnia?

- Nós... sabíamos - disse o Sr. MacLeod. Sua voz era arrastada. Suas pálpebras tremiam.

O rapaz, no leito ao lado, virou-se para enxergar melhor as pessoas. Aquele ferimento, aquele ferimento era horrível. Aonde ele estava indo quando colidiu com o caminhão? A lugar nenhum, a lugar nenhum. Ele não podia suportar mais nada. Estava fugindo de ninguém, de nada, de lugar nenhum. Rodando a esmo pelas ruas, porque ninguém se importava com o que ele fazia - não se lembrava de ninguém que lhe tivesse dado atenção. Natal... ele não se lembrava de nenhum.

- A Páscoa vai ser no próximo domingo - estava dizendo a Sra.

MacLeod. - Os narcisos já nasceram, e os lírios da Páscoa estão florescendo. Há seis deles este ano. Acho que até hoje nasceram só três de cada vez, não é mesmo?

O Sr. MacLeod fez um esforço para falar.

- Cinco - ele disse claramente.

- Vejam só! - disse a Sra. MacLeod, com orgulho na voz. - Ele se lembra mais do que eu. É verdade. Em um ano, nasceram cinco.

O rapaz no leito ao lado ouvia com atenção. Páscoa. Ele conhecia a palavra. As pessoas se aprontavam para ir à igreja. Mas para quê?

As pálpebras do Sr. MacLeod se fecharam. A Sra. MacLeod fez um sinal, e George dirigiu-se à porta do quarto.

- Entre, por favor, doutor.

O médico entrou na ponta dos pés e curvou-se sobre o Sr.

MacLeod. Sentiu sua pulsação. Nada. De repente, ele sentiu algumas batidas fracas e sacudiu a cabeça.

O rosto da Sra. MacLeod tornou-se lívido, mas sua voz continuava clara.

- É melhor vocês irem para casa dormir, meus filhos - ela disse. Vocês necessitam dormir... são jovens. Vou ficar mais um pouco com seu pai.

Eles se entreolharam, entendendo. Ruth esforçava-se para não chorar novamente.

- Espere para chorar depois que sair do quarto, querida - George lhe disse.

- Boa-noite, papai - ele disse. - Voltaremos amanhã cedo.

- Amanhã cedo, papai querido - disse. Ela inclinou-se sobre o pai, com o rosto cheio de ternura. - Na manhã reluzente, reluzente - ela finalizou.

Os olhos do pai se abriram, mas ele não disse nada.

Eles partiram; os três filhos. O médico os acompanhou, hesitante.

No leito do outro lado, o rapaz observava o casal de idosos. Meu Deus, eles eram velhos mesmo. O que aconteceria agora? Ele sentiu vontade de chorar, mas não por eles. Sentiu vontade de chorar por si mesmo, porque nunca teve um pai, porque sua mãe morreu quando ele era pequeno, porque nunca teve família. Este era o seu problema - ele não tinha família. Você pode nascer e crescer ao lado de muitas outras crianças num orfanato e pensar que está tudo bem; mas não está. A mulher idosa continuava a conversar com o homem idoso.

- Hal, tudo isto são lembranças... e você e eu temos muito mais coisas para lembrar do que as crianças. Você tem sido um bom marido,

Hal. Um bom marido faz a esposa feliz. Não estou falando de prover o sustento da casa. Estou falando de você como homem, Hal.

Você me fez uma mulher feliz, Hal. E, por sermos felizes juntos, nós dois, nossos filhos também são felizes.

Ela fez uma pausa, controlou a voz e prosseguiu:

- Sempre que passo por aquele pequeno bosque, onde você me pediu em casamento, vejo nós dois ali, em pé, você segurando minha mão.

A mão dele estava procurando as dela, e ela a segurou entre as suas.

- Estou aqui. Oh! querido... querido... querido...

Sua voz embargou, e ela mordeu os lábios:

- Oh! Deus, ajuda-me...

De repente, sua voz voltou a ficar forte, e ela prosseguiu:

- Eu sempre vou ver nós dois juntos naquele bosque. Nunca vou passar por lá sem nos ver...

- Martha. - O nome foi proferido com voz muito fraca, mas ela OUVIU.

- Sim, Hal. Estou aqui. Vou ficar aqui.

Ele abriu os olhos de repente, a viu ali e sorriu.

- Uma... vida... boa... - Sua voz silenciou-se, e sua mão amoleceu entre as dela. Suas pálpebras se fecharam.

Agora, qualquer um podia ver que aquele homem estava morrendo.

O rapaz sentiu vontade de chorar. Ele não chorava desde quando era criança, uma vez em que um moço golpeou-o na cabeça. Ele não se importou com isso. Estava acostumado a apanhar, mas não daquele moço. E ele chorou porque gostava de imaginar que o moço era o irmão que ele não teve.

A Sra. MacLeod também estava chorando. Lágrimas rolavam por seu rosto. Depois de alguns instantes, ela recolocou a mão do marido no lugar. Abriu uma sacola, retirou de dentro um livro pequeno com capa de couro e, enquanto as lágrimas rolavam por seu rosto, começou a ler em voz baixa:

- "O Senhor é o meu pastor; nada me faltará..." O rapaz ouviu as palavras. Faziam parte da Bíblia. Ele as ouvira na Escola Dominical do orfanato. Mas elas não significavam nada para ele. Eram apenas palavras. As pessoas diziam palavras que não tinham nenhum significado. Agora, de repente, ele sabia o que elas queriam dizer. Elas davam a entender que o velho não precisava ter medo, mesmo que tivesse de morrer.

- "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum..." Você não precisa ter medo, era o que a mulher estava dizendo ao marido. Você tem uma família, e nós o amamos. Ela sempre se lembraria daquele bosque e de seus encontros lá - ele e ela, muitos anos atrás, e ele a pediu em casamento, e ela aceitou, e eles se amaram;

e é assim que se forma uma família; e ele e ela tiveram filhos, e George teve filhos... e Mary os teria um dia...

O rapaz estava deitado de costas. Sua cabeça doía, mas não doía muito. Ele não sentia mais vontade de chorar.

- "E habitarei na Casa do SENHOR para todo o sempre" - estava dizendo a Sra. MacLeod.

Ela fechou o livro e permaneceu sentada por um longo tempo.

Em seguida, levantou-se, inclinou-se sobre o marido e o beijou nos lábios.

- Adeus, meu amor - ela disse -, até nos encontrarmos novamente.

Ela se dirigiu à porta. - Agora eu vou para casa, doutor.

O médico entrou no quarto e afirmou:

- Está tudo acabado. A senhora foi muito corajosa, Sra.

MacLeod.

- Não fui corajosa - ela disse. - E não está tudo acabado. A vida que iniciamos juntos continuará... na eternidade.

- Sim, é verdade - disse o médico, sem prestar atenção naquelas palavras.

Ela foi embora. Mas o rapaz entendeu o que ela quis dizer. Ele continuou deitado ali, pensando, olhando para o teto. Ele nunca soube qual era o significado da vida, mas agora ele o encontrara.

Era simplesmente amar alguém de maneira tão intensa a ponto de querer viver junto dessa pessoa e formar uma família. Para ele, não importava mais o fato de nunca ter sido amado ou de nunca ter amado ninguém. Ele poderia constituir uma família só sua.

- Ei, rapaz! - O médico debruçou-se sobre ele. - Há quanto tempo você está acordado?

- Há pouco tempo - respondeu o rapaz. - Talvez meia hora...

Ele deu um sorriso, um grande sorriso, mas o médico estava preocupado. - Não é bom você presenciar tudo isso.

O médico tocou a campainha, e a enfermeira entrou no quarto.

- Coloque um biombo aqui, enfermeira!

- Pois não, doutor.

O biombo foi colocado. Em seguida, chegaram dois homens com uma maca e levaram o idoso embora. O rapaz não disse nada. Ele sabia de tudo. A família estava reunida na casa que lhes pertencia, tomando o café da manhã. George deveria estar consolando a mãe, dizendo que ela ainda tinha os filhos e os netos a seu lado. Mas ela jamais se esqueceria do marido - nunca, nunca. Isso era uma certeza, porque eles se amaram e sempre se amariam.

O coração do rapaz se encheu de paz. Agora, ele sabia por que havia nascido. E não ia morrer... apenas dormir...

Ele despertou muitas horas depois. O quarto estava limpo, o biombo havia sido retirado. O leito ao lado estava vazio e com roupa de cama limpa. Os raios de sol atravessavam a janela. Ele estava sozinho, mas, pela primeira vez na vida, não se sentia sozinho. Não precisaria mais viver sozinho. Poderia ter uma família, agora que sabia como se formava um lar. Teria um emprego, encontraria uma moça, uma boa moça, uma moça encantadora, por que não? Aquela senhora idosa deveria ter sido uma moça encantadora. Ele também podia imaginar o senhor idoso quando era jovem - alto, magro, em pé no bosque, pedindo a moça em casamento. E ela aceitando imediatamente. Ele encontraria uma moça como aquela; alguém que soubesse cozinhar e enfeitar uma árvore de Natal. Um triciclo! Quando era criança, ele queria muito ter um triciclo. Foi a primeira coisa que lhe veio à mente a respeito do orfanato - o triciclo que nunca teve. É necessário ter pais para ganhar coisas como essa. E filhos - é possível ter filhos só nossos. Feliz foi aquele homem, que morreu com todo o conforto,

tendo os filhos por perto para vê-lo partir! Ninguém, que teve tantos motivos para viver, se importaria de morrer...

A enfermeira entrou no quarto, trajando uniforme limpo e engomado.

- Que tal um bom desjejum, jovem? - ela perguntou com voz alegre.

O rapaz riu e se espreguiçou.

- Eu me sinto ótimo - disse. - Traga-me uma refeição de verdade, por favor. Estou morrendo de fome!